

---

## FENOMENOLOGIA DO VIVER EM DUPLA PÁTRIA: DOIS ESTUDOS DE CASO COM BRASILEIROS, FILHOS DE LIBANESES\*

---

DOI 10.18224/frag.v28i2.6253

MÁRIAM HANNA DACCACHE\*\*  
SATURNINO PESQUERO RAMÓN\*\*\*  
RENATA SILVA ROSA TOMAZ\*\*\*\*

*Resumo: O olhar da Psicologia sobre o processo migratório é de suma importância em tempos de globalização. Compreender as experiências de filhos de imigrantes, personagens de duas culturas, e a influência deste hibridismo sobre suas identidades e condutas é o objetivo deste estudo. Os sujeitos da pesquisa são dois brasileiros, de ambos os sexos, filhos de libaneses, que viveram por algum período de suas vidas no país de origem dos pais, o Líbano. O método para exploração dos significados desta dupla experiência pátria foi o qualitativo de base fenomenológica. Os resultados assinalam os ganhos no desenvolvimento e enriquecimento pessoais e interpessoais obtidos nesta situação, sinalizando o surgimento de conflitos na procura de uma identidade que traduzisse a dupla pertença.*

*Palavras-chave: Método qualitativo-fenomenológico. Identidade. Pertença. Cultura.*

A experiência de dupla-pátria como determinante do modo de ser ou identidade do sujeito, no que se refere aos diferentes aspectos psicológicos e sua vivência, são questões de interesse da Psicologia. De acordo com Viana (2009) identidade pode ser atribuída a percepção que uma pessoa apresenta de si e do grupo que pertence. Assim, sua formação decorre de um fenômeno social, em que é possível através da interação social desenvolver processos complexos que vão definir características individuais e grupais, através de artifícios como influência social, que legitimarão o SER (ERIKSON, 1987).

---

\* Recebido em: 25.02.2018. Aprovado em: 03.09.2018.

\*\* Mestre em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás) e professora da Associação Educativa Evangélica (UniEVANGÉLICA). *E-mail:* mariampsy@hotmail.com.

\*\*\* Doutorado em Filosofia pela Universidade das Ilhas Baleares (1999), graduado em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

\*\*\*\* Mestre em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás) e professora da Associação Educativa Evangélica (UniEVANGÉLICA). *E-mail:* rrtomaz@gmail.com.

Os fenômenos sociais que refletem os problemas migratórios na atualidade são páginas de diversos jornais e revistas de livre circulação, dados estatísticos mostram índices hediondos. De acordo com a Organização das Nações Unidas (ONU, 2018) em torno de 1,2 mil crianças migrantes morreram desde 2014, quase a metade destes inocentes padeceram na travessia do mediterrâneo para a Europa. No Brasil, a ONU (2018) aponta que 42% das venezuelanas, que fogem das crises sociais, políticas e econômicas de seu país, e migram para o Brasil são provedoras de seu lar, mães que vieram sozinhas com seus filhos.

Apesar de ser um assunto atual, poucos estudos empíricos abordam o assunto com foco na fenomenologia, a qual verifica a migração e sua repercussão na vida do indivíduo. Este migrante é afetado por diversas variáveis e facetas, tornando-o, muitas vezes, um ser sem lugar.

Neste estudo, fenomenologia será abordada como um método, retratado por Husserl, considerado precursor da fenomenologia, como somente a ciência que possibilite um contato direto com o *eidós*, a essência, ajudará no conhecimento do homem ocidental. A fenomenologia husserliana, que é analítica ou descritiva, importa-se em apreender aquilo que se manifesta à consciência, no que diz respeito ao conteúdo intencional desta (GILES, 1989).

Vários são os autores que tem reafirmado a importância de Franz Brentano (1838-1917) na fenomenologia de Husserl, especialmente no conceito da intencionalidade, ideia fundamental da fenomenologia. Para Brentano “a consciência é sinônimo dos atos psíquicos pelos quais o sujeito dá significado aos objetos do seu mundo relacional” (*apud* RAMON, 2005, p. 5). Ou seja, por este conceito, a consciência está sempre dirigida a um objeto.

Diferentemente de Husserl, que trata das essências universais, Heidegger utilizando o método fenomenológico, visa de maneira ontológica “as essências que individualizam o objeto, o ente existente” (PETRELLI, 2001, p. 22). A fenomenologia Ontológica-Hermenêutica deste autor apresenta-se como um caminho de metodologia qualitativa de pesquisa, que se propõe, dito em outras palavras, a desvelar um fenômeno em foco, vindo a compreendê-lo e interpretá-lo (BRUNS; TRINDADE, 2003).

Como refere Marandola Junior e Dal Gallo (2010) a “filosofia fenomenológica vem contribuindo de forma notável nos últimos anos para esta compreensão cada vez mais precisa e ao mesmo tempo ampla da espacialidade do ser” (p. 409). O sentido de pertencer a um lugar reforça o sentido da existência (MALPAS, 2008; SARAMAGO, 2008).

Assim a imigração e suas consequências podem ser analisadas sob vários aspectos e à luz de diversas ciências, da mesma maneira como ocorre com a identidade. A Antropologia, a História e a Sociologia auxiliam a Psicologia no entendimento e descrição das experiências vividas pelo indivíduo participante desse fenômeno que é histórico e hoje fortemente ligado à globalização. Esta pode ser definida como um processo que consiste na internacionalização do espaço geográfico através do intercâmbio econômico, político, social e cultural em âmbito universal (GUERRA, 2014). Zigueib Neto (2005) diz que o processo mundial da globalização exige do homem pós-moderno tomadas de posições, provocando sentimentos ambíguos e mal percebidos, que ameaçam a sua integridade psicológica e um “mal-estar em suas identidades” (p. 13).

Pertencemos a uma realidade midiática, onde as possibilidades de conexão e comunicação entre ideologias e culturas se estenderam. Este universo econômico de interatividades, trocas, transformações, ressignificações religiosas e culturais é proporcionado pelo que chamamos de globalização.

Para Lipiansky (2002) a identidade é entendida como uma construção a partir de dois aspectos simultâneos: o objetivo visto também como social, e o subjetivo; definido como o psíquico (GIUST-DESPRAIRIES, 2005). A noção objetiva ou social diz respeito à genealogia, inserção social, familiar e cultural, e que Lipiansky (2002) define como identidade social. São os códigos, valores, referências, sistemas de simbolização com o qual o sujeito pode ou não trocar e reconhecer, confirmando ou não, segundo Giust-Desprairies (2005), suas representações e ideais.

Em nível subjetivo e psíquico, a identidade está relacionada à percepção que o sujeito tem de sua individualidade; conjunto de sentimentos, representações, dentre outros, chamada de identidade pessoal (LIPIANSKY, 2002). Giust-Desprairies (2005) se refere a este aspecto lembrando que a identidade se dá a partir da introjeção de objetos ambivalentes, identificações com as imagens parentais e sociais que auxiliarão o indivíduo na resolução de conflitos. “A experiência afetiva do sujeito, tomada na sua história, altera as posições psíquicas e os modos de resolução dos conflitos, bem como fornece novas identificações” (p. 201).

Zugheib Neto (2005) e Erikson (1987) falam sobre a identidade e seus processos afirmando que o processo identificatório é uma construção psicossocial. Zugheib Neto (2005) continua sobre este processo dizendo que, o sentimento de identidade é uma construção subjetiva inacabada a partir de tentativas para atingir uma totalidade. Este sentimento tem lugar temporal e relaciona-se com a busca de um sentido pessoal na existência.

Concordando com Zugheib Neto (2005), Giust-Desprairies (2005) afirma que no momento em que há uma mudança social ou momentos de crise, o sujeito é chamado a se voltar para seus recursos internos, quando traz à consciência seu processo identificatório. Considerando o viés da fé, Zugheib Neto (2005) diz que quando esta é mobilizada, de alguma maneira, o indivíduo é remetido tanto às suas memórias individuais como à sua história coletiva; refazendo seu trajeto existencial, relembando ensinamentos comunitários e os saberes trocados por pessoas de sua relação.

Diante de determinados eventos da vida, como a emigração, remanejamentos identitários são solicitados (CALIN, 2005). Neste momento põem-se em ação as estratégias identitárias, entendidas como a maneira de agir, processos, conscientes ou inconscientes, do sujeito para atender a finalidades. Estas últimas podem ser explícitas ou estar a nível inconsciente. Aqueles processos se dão em função de uma situação de interação, considerada em diferentes aspectos, seja sócio-histórico, psicológico ou cultural (LIPIANSKY; TABOADA-LEONETTI; VASQUEZ, 2002).

Calin (2005) explica que, a suposta força dos pais, advindas de uma “identidade de base” estruturada no país de origem e a própria coragem de emigrar, são provavelmente suficientes para protegê-los de conflitos pessoais e sociais mais graves. Contudo, para os filhos destes imigrantes a situação é diversa, pois devem construir, por si, sua identidade no país que os acolhe. Construção, esta, dificultada pela negação da ruptura migratória dos pais, que impossibilita uma inserção social razoável tanto no país que acolhe, como no país de origem, além de ser também:

agravada pela idealização do país de origem e a ignorância de suas evoluções, tornam totalmente inadequada esta *educação nostálgica*, mesmo na perspectiva de um retorno ao país; as tentativas de retorno ao país dos filhos de imigrantes, sós como em família, são problemáticas, e até catastróficas (CALIN, 2005, p. 03).

Para Hall (1997) a globalização provoca mudanças que fazem com que o processo de identificação – projeção e internalização em, e de identidades culturais – torne-se provisório, variável e problemático. Produz um indivíduo fragmentado, com várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas. Pois, como explicam Giust-Desprairies (2005) e Zugheib Neto (2005), os sistemas significantes dos indivíduos foram abalados, a legitimidade colocada em questão e certas referências perdidas.

Por serem traduzidos, esses indivíduos são forçados a abandonar qualquer desejo de buscar a pureza cultural e étnica. “Eles devem aprender a habitar, no mínimo, duas identidades, a falar duas linguagens culturais, a traduzir e a negociar entre elas” (HALL, 1997, p. 96-97).

O povo brasileiro é formado pela miscigenação de diversos imigrantes. Desde o descobrimento do Brasil ocorreram diversas imigrações, no início formadas por portugueses, italianos, africanos, holandeses, posteriormente povos libaneses e árabes migraram, entre outros, porém cada um com objetivos diferentes. As primeiras imigrações tinham o intuito de colonizar e fazer fortuna, porém os libaneses e árabes fugiram das guerras, assim buscavam sua sobrevivência.

Dentre os diversos povos que para o Brasil emigraram, os árabes e seus descendentes, especificamente os libaneses, são destaque em quantidade e constituem o corpo deste estudo. Embora se identifique a falta de dados mais precisos, estima-se em 7 milhões o número de libaneses e seus descendentes no Brasil, de acordo com dados da Embaixada do Líbano (2003). O objetivo deste trabalho é descrever como brasileiros filhos de libaneses vivenciam a experiência de sentir-se influenciados por dupla cultura, explorando três unidades temáticas, língua, religião e pertença. Que fazem parte do processo sócio-histórico de um indivíduo, o que o constitui como parte de seu meio, e de sua formação como SER.

## MÉTODO

Este trabalho realizou uma pesquisa qualitativa que se baseou em estudos de casos múltiplos, que descrevem os fenômenos baseados no método fenomenológico. Neste, as amostras utilizadas são pequenas com, geralmente, menos de 10 participantes, segundo Moreira (2004). Para este autor a amostra reduzida “permite a extração de essências, ou seja, de temas comuns a todos os participantes da amostra” (p. 131), como a dupla pátria.

A exploração dos significados vivenciados pelos sujeitos desta pesquisa foi realizada através do método qualitativo de base fenomenológica. Qualitativo, justificada por Moreira (2004) quando sublinha que o que se pretende é o entendimento da experiência de vida dos sujeitos a partir das perspectivas dos mesmos, considerando o contexto em que se inserem, e a influência no comportamento. Fenomenológica, enquanto se diferencia da qualitativa chamada de Análise de Conteúdo, que como estabelece Berelson (1952) e Bardin (1995), lembrados por Giorgi (2000), apenas trabalha quantitativamente com os dados manifestos.

Pesquisadores como Giorgi (2000), Moreira (2004) e Gomes (1998) se assemelham ao falar sobre os três passos para o processo de pesquisa. São eles: 1ª etapa - descrição fenomenológica, a partir da descrição ingênua da vivência feita pelos sujeitos, levantam-se no primeiro momento as unidades temáticas. Num segundo tempo, dá-se uma reflexão, pelos sujeitos, sobre cada unidade temática.

Na 2ª etapa, da redução fenomenológica, com os elementos significativos levantados e refletidos em cada unidade temática, constroem-se as chamadas estruturas significativas. Elas são de dois tipos: a) as compostas com os significados variantes, ou seja, os que não foram

verbalizados por todos os sujeitos da pesquisa, senão por algum deles; b) as compostas com os significados invariantes, ou seja, que foram verbalizados por todos os sujeitos estudados.

A interpretação fenomenológica, a 3ª etapa: nesta fase objetiva-se explorar como os sujeitos experimentam a vivência dos significados verbalizados. Para a pesquisa psicológica fenomenológica este momento é o mais importante, pois se observam quais são os comportamentos que os componentes da experiência vivida cristalizam, sejam eles emoções, julgamentos, atitudes, posturas, etc.

## PARTICIPANTES

Sujeito I (SI): sexo masculino, brasileiro, pais libaneses, 45 anos, residiu no Líbano dos 4 aos 16 anos, casado com brasileira, não submetido à psicoterapia. Sujeito II (SII): sexo feminino, brasileira, pais libaneses, 35 anos, residiu no Líbano por três períodos: aos 14 por dois anos, aos 19 anos por seis meses, aos 21 anos por dois anos, casada com brasileiro, submetida à psicoterapia.

## PROCEDIMENTO

No primeiro momento os sujeitos fizeram um relato escrito, produto de suas reflexões sobre o tema em estudo. A questão norteadora para este relato se baseou em:

Sabendo que você é filho (a) de libaneses, nasceu aqui, viveu lá por algum período e voltou ao Brasil, fale-me sobre esta vivência, sobre os aspectos que marcaram ou marcam esta experiência do ponto de vista social, profissional, conjugal, político, religioso, linguístico, emocional, etc.

Destes relatos foram levantadas as unidades temáticas. Na sequência deu-se uma entrevista dirigida sobre cada unidade temática. Aqui se cumpriu a primeira etapa, a reflexão descritiva ou descrição fenomenológica, com a exploração dos significados vivenciados em cada uma das três unidades temáticas apontadas: língua, religião e pertença.

Com os significados levantados construíram-se estruturas significativas. Elas dizem respeito às duas modalidades anteriormente referidas. Feita então a redução fenomenológica, partiu-se para a terceira fase.

Finalmente na etapa da interpretação fenomenológica, foi realizado o último contato, com a finalidade de refletir através de uma nova entrevista semidirigida sobre a tradução prática ou comportamental dos significados verbalizados na estrutura invariante de cada unidade temática. As perguntas estimuladoras foram as seguintes: 1) Como você superou o problema de dominar as duas línguas para evitar sentir-se ou ser considerado um estranho nos dois países? 2) Que condutas, que comportamentos, lhe despertou o fato de conviver com múltiplos credos religiosos? 3) O que você fez para vencer os conflitos de querer ser filho de duas pátrias?

## RESULTADOS

### 1ª Etapa:

Neste momento foi possível realizar a descrição fenomenológica, a partir dos relatos dos sujeitos, em que as unidades temáticas foram identificadas, língua, religião e pertença.

A partir da descoberta e da composição dos temas principais, partiu-se para a reflexão destes assuntos. Num segundo tempo, dá-se uma reflexão, pelos sujeitos, sobre cada unidade temática, Giorgi (2000). Os significados verbalizados em cada unidade temática são apresentados nos Quadros 1, 2, e 3. Nesta etapa é realizada a descrição fenomenológica, ou seja, o registro da percepção dos sujeitos diante das perguntas.

Quadro 1: Significados refletidos na unidade temática

Unidade temática	Sujeitos	
Língua	Sujeito 1	Sujeito 2
	<p>- (...) não tem coisa melhor do que a gente falar em árabe.</p> <p>- eu me sinto eu mesmo!</p> <p>Quando falo o árabe eu sei que estou expressando sem meias palavras (...) a gente se sente mais verdadeiro. Eu sinto assim.</p> <p>- porque quando você aprende o árabe, vem junto com ele não só a língua vem os costumes, os valores (...).</p>	<p>- (...) a minha mãe que é nativa, é libanesa, eu a ouvia igual pra sair exatamente como ela falava, pra cada vez mais me sentir uma deles.</p> <p>- então mostrando pra eles que eu também tinha conhecimento do idioma árabe, (...) isso ajudou com que eu me inserisse rapidamente em todos os contextos.</p>

Quadro 2: Significados refletidos na unidade temática

Unidade temática	Sujeitos	
Religião	Sujeito 1	Sujeito 2
	<p>- (...) lá no Líbano, nós conseguíamos viver uma plenitude de uma vida cristã mais próxima com Deus.</p> <p>- daí eu comecei a me lembrar das coisas que eu aprendi no Líbano, na minha igreja, do que eu estava, do que eu tinha prazer de fazer, de ler.</p>	<p>- meus avós me ensinaram a rezar, me ensinaram o significado da reza muçulmana.</p> <p>- eu tenho o alcorão, eu leio às vezes, tem umas passagens muito bonitas, mas eu cresci participando de escolas dominicais da igreja presbiteriana, então eu aprendi muito sobre a Bíblia, eu conheço os versículos de cor, uso inclusive em alguns momentos de aflição (...).</p>

Quadro 3: Significados refletidos na unidade temática

Unidade temática	Sujeitos	
Pertença	Sujeito 1	Sujeito 2
	<p>- Então ali eu me identificava bem (Líbano). Então eu sabia o nome dos meus amigos, (...) depois que eu vim pro Brasil, eu sabia de todos onde eles estavam, em que situação eles viviam. Então talvez o fato de comparar isso com a situação a qual eu passei a viver eh... Me fazia tão infeliz assim (...) talvez infeliz é exagerado mais vazio, a palavra certa é esta: vazio.</p>	<p>- Então, eu comecei a ficar nessa divisão (...), será que eu nunca vou pertencer a eles, será que eles nunca vão me considerar uma deles. E voltando pro Brasil (...) olha a libanezinha (...), ela não é brasileira, ela não é completa. Então lá eu não era completa, e aqui também eu não era.</p>

2ª Etapa:

Na 2ª etapa, ocorre a redução fenomenológica, que busca identificar estruturas que envolvem o fenômeno através de sua comunicação e compreensão que ocorre de forma evocativa (QUEIROZ; SOUZA; VIEIRA, 2015). A redução surge a partir das informações de cada unidade temática, para que assim ocorra a construção das chamadas estruturas significativas. Essas se dividem em dois tipos: significados variantes (Quadros 4, 5, 6) e significados invariantes (Quadro 7). O primeiro se refere aos assuntos e reflexões da redução baseados nas verbalizações dos sujeitos estudados, já os significados invariantes, são verbalizações emitidas por todos os sujeitos da pesquisa.

Quadro 4: Estrutura com elementos variantes em cada unidade temática

Unidade temática	Sujeitos	
Língua	Sujeito 1	Sujeito 2
	<ul style="list-style-type: none"> <li>- A descoberta da língua como transmissor das tradições;</li> <li>- A vontade de se comunicar em árabe com os filhos brasileiros;</li> <li>- A maior facilidade de se expressar em árabe;</li> <li>- A identificação com a língua árabe;</li> <li>- A importância da língua árabe para afirmação da sua identidade;</li> <li>- O esforço e interesse para dominar a língua portuguesa;</li> <li>- Sentir a mudança de sonhar em português;</li> <li>- Sentir-se ridicularizado por não dominar o português;</li> <li>- A afinidade com alguns aspectos da cultura brasileira (futebol e música) como facilitador do aprendizado da língua.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- A dupla língua com entrave na fluência e no sotaque, e como fator exclusor;</li> <li>- O tempo de permanência como facilitador de maior domínio das línguas;</li> <li>- A descoberta da língua como instrumento de integração global (pertença);</li> <li>- A importância do bilinguismo na sua escolha profissional.</li> </ul>

Quadro 5: Estrutura com elementos variantes em cada unidade temática

Unidade temática	Sujeitos	
Religião	Sujeito 1	Sujeito 2
	<ul style="list-style-type: none"> <li>- A vivência de ter uma religião que não é de sua raça e cultura;</li> <li>- A palavra de Deus como fator integrador na experiência da vida religiosa;</li> <li>- O confronto de credos fortalecendo seu espírito;</li> <li>- A liberdade religiosa como situação que provoca um ecletismo não saudável;</li> <li>- A religião como pilar da existência;</li> <li>- A influência dos pais na religiosidade dos filhos;</li> <li>- O caráter vivo das experiências religiosas infantis;</li> <li>- A experiência religiosa como fortalecimento da própria identidade;</li> <li>- O sofrimento atual pela discriminação religiosa.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- A segregação religiosa entre muçulmanos e cristãos;</li> <li>- O estigma do sobrenome;</li> <li>- O peso das convicções pessoais;</li> <li>- A força do ambiente na modalidade religiosa;</li> <li>- O caráter enriquecedor da dupla experiência religiosa.</li> </ul>

Quadro 6: Estrutura com elementos variantes em cada unidade temática

Unidade temática	Sujeitos	
Pertença	Sujeito 1	Sujeito 2
	<ul style="list-style-type: none"> <li>- A necessidade de alcançar uma pertença afetiva em todos os campos da vida sociocultural na nova pátria;</li> <li>- A maior pertença ligada às raízes ancestrais;</li> <li>- A força das experiências infantis no sentimento de pertença;</li> <li>- O esforço para identificar-se com o novo país;</li> <li>- A importância da religião para fortalecer os laços de pertencimento;</li> <li>- A vida comunitário-eclesial como fator de uma pertença efetiva e afetiva.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- O Conflito da dupla pertença;</li> <li>- A necessidade de se sentir pertencente;</li> <li>- A riqueza da dupla experiência cultural;</li> <li>- A maior dificuldade de adaptação à cultura árabe;</li> <li>- O sentimento de exclusão por ser rotulada em ambos os países;</li> <li>- Sofrer por sentir-se estranha;</li> <li>- Superação do conflito através da psicoterapia.</li> </ul>

Observa-se, que nos elementos variantes, as unidades língua e religião foram mais mobilizadoras para o sujeito 1, visto que representaram 71% e 64% respectivamente. Já a unidade pertença obteve maior peso para o sujeito 2, com 54% do total.



Quadro 7: Estrutura com elementos invariantes

Língua	Religião	Pertença
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Valor da língua como fator de integração global;</li> <li>- A falta de domínio completo da dupla língua como fator exclutor;</li> <li>- Esforço para domínio da língua do lugar.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- O caráter enriquecedor da dupla experiência religiosa;</li> <li>- A força do ambiente familiar e social na escolha religiosa;</li> <li>- A importância das convicções pessoais religiosas para o saber existencial;</li> <li>- Sofrimento pela segregação religiosa;</li> <li>- O estigma do sobrenome que define a opção religiosa.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- O conflito da dupla pertença;</li> <li>- A necessidade de alcançar uma dupla pertença nos campos da vida de cada uma das duas pátrias;</li> <li>- A importância da religião ou da psicoterapia no esforço de alcançar uma pertença satisfatória.</li> </ul>

Em percentagem, os elementos invariantes demonstram uma maior congruência de significados na unidade religião, 46%, estando os significados de língua e pertença equiparados, com 27% cada uma.

### 3ª Etapa:

Na terceira etapa, a da interpretação fenomenológica, os resultados são ilustrados nos quadros 8, 9 e 10, a seguir. Finalmente na etapa da interpretação fenomenológica, foi realizado o último contato, com a finalidade de refletir através de uma nova entrevista semidirigida sobre a tradução praxica ou comportamental dos significados verbalizados na estrutura invariante de cada unidade temática.

Para Andrade e Holanda (2010, p. 267) o último passo do método desenvolvido por Giorgi (2000):

... busca a síntese das unidades significativas transformadas em uma declaração consistente da estrutura do aprendizado. Finalmente, o pesquisador propõe que se sintetizem todas as unidades significativas transformadas em uma declaração consistente da significação psicológica dos fenômenos observados em relação à experiência do sujeito e denomina essa síntese de estrutura da experiência.

Quadro 8: Comportamentos que traduzem os significados vivenciados em cada unidade temática

Unidade temática	Sujeitos	
Língua	Sujeito 1	Sujeito 2
	<ul style="list-style-type: none"> <li>- o de procurar aprender a nova língua para não sentir-se um estranho na nova pátria/- o de experimentar a empatia alheia pelo seu inerradicável sotaque de “turco”;</li> <li>- o de descobrir o gênero literário do gibi como instrumento para aprender a língua, a visão de mundo da nova pátria, e como maneira de reviver essa experiência passada no Líbano;</li> <li>- o da necessidade de cultivar as duas línguas sem detrimento de nenhuma delas;</li> <li>- o da descoberta que dominar várias línguas facilita a aprendizagem de uma nova.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- o de esforçar-se para estudar as duas línguas;</li> <li>- o de necessitar profissionalmente maior domínio da língua árabe e de suas modalidades;</li> <li>- o de ter desenvolvido sua empatia pessoal com o mundo dos outros;</li> <li>- o de experimentar uma maior integração e prestígio social através do domínio da língua;</li> <li>- o de descobrir uma maior pertença às suas raízes árabes;</li> <li>- o da descoberta da riqueza de poder possuir o patrimônio de duas línguas pátrias.</li> </ul>

Quadro 9: Comportamentos que traduzem os significados vivenciados em cada unidade temática

Unidade temática	Sujeitos	
Religião	Sujeito 1	Sujeito 2
	<ul style="list-style-type: none"> <li>- o da descoberta da necessidade de defender o próprio credo, sem por isso, desrespeitar o dos outros;</li> <li>- o de ter sofrido muito pela discriminação religiosa;</li> <li>- o de que o credo religioso não deve condicionar a ajuda e relação com o próximo;</li> <li>- o da descoberta da necessidade de vivenciar uma relação com um Deus que esteja por cima de qualquer religião;</li> <li>- o do sofrimento por ter se afastado da religião, até não descobrir a aproximação com um Deus de todos;</li> <li>- o da experiência com vários credos no Líbano, para uma vivência pacífica com a diversidade religiosa no Brasil.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- o de tornar-se mais aberta, compreensiva e respeitosa com diferenças religiosas dos outros;</li> <li>- o de sentir orgulho pela sua cultura e religião muçulmana sunita;</li> <li>- o da experiência positiva de morar numa cidade de migrantes e mística como a de Brasília, aberta a todos os credos;</li> <li>- o de evitar que pessoas religiosamente preconceituosas entrem no seu círculo de amizades;</li> <li>- o da descoberta da importância do estudo da própria religião para reforçar suas raízes étnico/culturais.</li> </ul>

Quadro 10: Comportamentos que traduzem os significados vivenciados em cada unidade temática

Unidade temática	Sujeitos	
Pertença	Sujeito 1	Sujeito 2
	<ul style="list-style-type: none"> <li>- o de sentir intensamente o sofrimento de ter que desenraizar-se dos acontecimentos que ocorrem na sua pátria de origem;</li> <li>- o de descobrir a necessidade de enraizar-se na nova pátria;</li> <li>- o de sofrer ainda as marcas de seu passado na pátria de origem; - o de entender e ao mesmo temer que seus filhos não tenham tão vivas quanto ele, as raízes libanesas;</li> <li>- o de lutar para superar o conflito de não sentir-se da mesma forma, filho de duas pátrias.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- o de descobrir a riqueza de pertencer ou ser filha de duas mães-pátria;</li> <li>- o de vivenciar o quanto foi importante esta condição de dupla pátria para seu desenvolvimento humano;</li> <li>- o de procurar a ajuda do tratamento psicoterápico para superar os conflitos decorrentes da divisão interna, provocada pela experiência de ter duas mães-pátria e para descobrir a riqueza de tal condição;</li> <li>- o da vivência, após a terapia, da alegria de ser diferente por ter duas pátrias.</li> </ul>

## DISCUSSÃO

Concedida pelo método fenomenológico a possibilidade de conhecer, através das descrições, as experiências vividas pelos sujeitos, percebe-se a relevância dos significados impressos em seus fenômenos de vida. Pois para Holanda (2014), a fenomenologia enquanto abertura à experiência e vivência do mundo, 'é busca do fenômeno, daquilo que surge por si só, daquilo que aparece, que se revela' (p. 47).

Neste desvelamento foi apreendido a importância das influências psicossociais, assim como do meio anterior do indivíduo na formação da identidade, afirmadas por Erikson (1987) e Zugheib Neto (2005), Jung (1961/2003) e Augras (2002) respectivamente, que é confirmada quando se analisam os resultados obtidos, quando os sujeitos se referem aos familiares e ao meio social. O mesmo acontece com os dados relacionados à dimensão étnica do self, propugnada por Safra (2002). O meio traz a questão da alteridade, citada por Silva (2000) e confirmada nas experiências descritas quando se destaca o significado dos outros para ambos os participantes. Ainda relacionado à diferenciação do que se é e do outro, Hall (1997) lembra a língua, unidade temática extraída dos relatos, onde se confirma sua importância enquanto reveladora de significados íntimos e culturais. Citando Lacan, o mesmo autor escreve que a formação do eu tem início no momento de contato com os sistemas simbólicos, como a cultura e a língua. Isto se evidencia na expressão do sujeito 1, como segue:

(...) não tem coisa melhor do que a gente falar em árabe. Eu me sinto eu mesmo! Quando falo o árabe eu sei que estou expressando sem meias palavras (...) a gente se sente mais verdadeiro. Eu sinto assim. Porque quando você aprende o árabe, vem junto com ele não só a língua vem os costumes, os valores, (...).

O desenvolvimento do indivíduo como SER e pertencente a uma sociedade perpassa por habilidades e capacidade como a linguagem, que separa e agrega uma comunidade em torno de uma característica, sua língua mãe. Para Santos (2012, p. 45):

Construir cultura é condição máxima e necessária para a elevação da alma e do caráter. Mas, para produzir tal proeza, o homem procura, no núcleo da sociedade, intervir com relevantes transformações sociais, a fim de adquirir aptidões essenciais à formação humana.

Ao se fazer referência à religião, em que os elementos invariantes tiveram destaque numérico, observa-se que esta deve ser considerada principalmente a partir da visão de Zúgueib Neto (2005) que a ela se refere como instrumento que, quando mobilizado, remete o indivíduo às suas memórias individuais e história coletiva. Os grupos, constituidores do aporte social e especificamente da religião, funcionam, segundo o autor, como princípios organizadores da realidade e/ou sistemas de defesa contra incertezas nas estruturas superegóicas do sujeito. Para Castell (1996/1999): “a construção de identidades vale-se da matéria prima fornecida pela história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e revelações de cunho religioso”. (p.23). Os dois entrevistados, exemplificam a teoria:

Sujeito 1: “(...) daí eu comecei a me lembrar das coisas que eu aprendi no Líbano, na minha igreja, do que eu estava, do que eu tinha prazer de fazer, de ler.”

Sujeito 2: ‘eu tenho o alcorão, eu leio às vezes, tem umas passagens muito bonitas... mas eu cresci participando de escolas dominicais da igreja presbiteriana, então eu aprendi muito sobre a Bíblia, eu conheço os versículos de cor, uso inclusive em alguns momentos de aflição(...)

A religião torna-se peça fundamental na vida de uma pessoa que frequenta e a pratica, com a mobilidade, ao sair de seu contexto social, características próprias que envolvem a religiosidade dentro deste meio social que pertence, pode se perder ou sofrer alterações (CARVALHO, 2017). Ao mesmo tempo diversos conflitos e repulsas podem ser gerados em indivíduos que vivem a dupla pátria, devido aos modelos repassados tanto pela pátria mãe, quanto pelas crenças familiares e advindas da sua segunda pátria.

Poder-se-ia dizer que falar sobre identidade e a integralidade do ser remete ao pertencimento. Como afirma Zúgueib Neto (2005) são as unidades de pertencimento que oferecem condições para o sujeito se organizar subjetiva e objetivamente, a partir dos diferentes laços simbólicos que estabelece. Nos dois casos explorados, a referência à pertença cultural, ou pelo seu oposto, a proximidade de um desenraizamento, como cita Weil (1996, *apud* SAFRA, 2002), favoreceram em algum momento, o aparecimento de conflitos identitários.

Então ali eu me identificava bem (Líbano). Então eu sabia o nome dos meus amigos, (...) depois que eu vim pro Brasil, eu sabia de todos onde eles estavam, em que situação eles viviam. Então talvez o fato de comparar isso com a situação a qual eu passei a viver eh... Me fazia tão infeliz assim (...) talvez infeliz é exagerado mais vazio, a palavra certa é esta: vazio.

Sobre o sujeito 1, citado, foi possível apreender que o sujeito 1, busca ainda uma superação daqueles conflitos: persegue, como o próprio descendente afirma, um equilíbrio. Para a segunda participante, a relação entre identidade e o sentimento de pertença é ainda mais revelador:

Então, eu comecei a ficar nessa divisão (...), será que eu nunca vou pertencer a eles, será que eles nunca vão me considerar uma deles. E voltando pro Brasil (...) olha a libezinha (...), ela não é brasileira, ela não é completa. Então lá eu não era completa, e aqui também eu não era.

Foi através da psicoterapia, que ela conseguiu um sentido de coerência, que minimizasse as dúvidas do eu.

Neste contexto teórico, o presente trabalho, que explora de forma não a priori os aspectos da vivência, testemunha a validade do método fenomenológico usado e enriquecem a literatura consultada. Os resultados obtidos mostram a relevância da experiência vivida, traduzida em condutas e comportamentos. Aqui a importância deste gênero de pesquisa para a psicologia clínica e social em tempos de globalização e diante de fatos ocorridos em alguns países, envolvendo imigrantes e descendentes, pois fornece argumentos para intervenção nos comportamentos. Baseado neste raciocínio teve destaque o conhecimento teórico das estratégias identitárias, enquanto foco mais específico ligado à ação, e como possível base para futuros estudos com amostras representativas ligadas à migração.

#### PHENOMENOLOGY OF THE LIVING PROCESS IN A DOUBLE COUNTRY CONTEXT: TWO STUDY CASES WITH BRAZILIANS, LEBANESE DESCENDENTS

*Abstract: The Psychology view upon the migratory process is one of the highest importance in times of globalization. Comprehending the experiences of children of immigrants, role players of two cultures, and the influence of such hybridism upon their identities and conducts is the aim of this study. Two Brazilian-born Lebanese children, of both genders, who lived in Lebanon for some time, happen to be the subjects of this research. The method for exploration of the meanings of this double patrium experience has been the qualitative of phenomenological basis. The results highlight the gains in personal and interpersonal development and enrichment, acquired in this very situation. As well as the rise of conflicts in the search for an identity which translates the double-belonging.*

*Keywords: Qualitative-phenomenological Method. Identity. Sense of belonging. Culture.*

#### Referências

ANDRADE, Celana Cardoso; HOLANDA, Adriano Furtado. Apontamentos sobre pesquisa qualitativa e pesquisa empírico-fenomenológica. *Estudos de Psicologia I Campinas*, v. 27, n. 2, p. 259-268, abr./jun., 2010.

AUGRAS, Monique. *O Ser da Compreensão. Fenomenologia da Situação de Psicodiagnóstico* (10ª ed.) - Petrópolis: Ed. Vozes, 2000.

CALIN, Daniel. *Construction Identitaire et Sentiment D'Appartenance*. Disponível em: <<http://daniel.calin.free.fr/textes/identite.html>>. Acesso em: 16 abr. 2005.

- CARVALHO, Ricardo Delgado de. Resenhas Religião e as Teias do Multiculturalismo. *Fragmentos De Cultura*, v. 27, n. 1, p. 156-158, jan./mar. 2017.
- ERIKSON, Erick Homburger. *Identidade, Juventude e Crise* (2ª ed.). Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1987.
- EMBAIXADA DO LÍBANO NO BRASIL. Disponível em: <<http://www.brasilia.mfa.gov.lb/brasilia/portuguese/home>>. Acesso em: 09 jun. 2018.
- GIORGI, Amadeo. *Phenomenology and Psychological Research*. Pittsburgh: Duquesene University Press, 2000.
- GIUST-DESPRAIRIES, Florence. A Identidade como processo entre ligação e desprendimento. In: ZUGUEIB NETO, Jamil. *Identidades e crises sociais na contemporaneidade*. Curitiba: Editora da UFPR, 2006, p. 199-212.
- GOMES, William B. *Fenomenologia e Pesquisa em Psicologia*. Porto Alegre: Editora Universidade, 1998.
- GUERRA, Danilo Dourado. Do Além Para o Mundo: Perspectivas Sobre Mobilidade Religiosa no Brasil da Pós-Modernidade. *Fragmentos de Cultura*, v. 24, n. 1, p. 115-123, jan./mar., 2014.
- HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: DP & A Editora, 1997.
- HOLANDA, Adriano Furtado. *Fenomenologia e Humanismo: reflexões necessárias*. Curitiba: Juruá, 2014.
- JUNG, Carl Gustav. *Fundamentos de Psicologia Analítica*. Em Edições das Obras Completas, de C.G. Jung (vol.XVIII/I). Petrópolis: Vozes, 2003. (Original publicado em 1961).
- LIPIANSKY, Edmond Marc; TABOADA – LEONETTI, Isabelle; VASQUEZ, Ana (2002). Introduction a la Problématique de L'identité. In: CAMILLERI, Carmel et al. *Stratégies Identitaires* (4ª ed.). Paris: Presses Universitaire de France, 2002, p. 7-16.
- MALPAS, Jeff. *Heidegger's topology: being, place, world*. Cambridge: MIT Press, 2008.
- MARANDOLA JR., Eduardo; DAL GALLO, Priscila Marchiori. Ser migrante: implicações territoriais e existenciais da migração. *Revista Brasileira de Estudos de População*, Rio de Janeiro, v. 27, n. 2, p. 407-424, jul./dez, 2010.
- MOREIRA, Daniel Augusto. *O Método Fenomenológico na Pesquisa*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004.
- QUEIROZ, Danielle Teixeira et al. Observação participante na pesquisa qualitativa: conceitos e aplicações na área da saúde. *Revista de Enfermagem UERJ*, n. 2, p. 276-83, set. 2007.
- SAFRA, Gilberto. *Memória e subjetivação. Memorandum*, p. 21-30, 2002. Disponível em: <[www.fafich.ufmg.br/~memorandum/artigos02/safra02.htm](http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/artigos02/safra02.htm)>. Acesso em: 15 jul. 2006.
- SANTOS, Caio César Costa. Linguagem Como Prática Social e Mediadora da Formação Cultural e Humana: Algumas Reflexões. *Rios Eletrônica - Revista Científica da FASETE*, v. 6, dez. 2012.
- SARAMAGO, Ligia. *A topologia do ser: lugar, espaço e linguagem no pensamento de Martin Heidegger*. Rio de Janeiro: Ed. PUCRio; Loyola, 2008.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A Produção Social da Identidade e da Diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Identidade e diferença. A Perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 73-102.

ZUGUEIB NETO, Jamil. Os Druzos na Guerra do Líbano. Resistência Psíquica e Afirmção Identitária em Situação de Crise Social Extrema. In: ZUGUEIB NETO, Jamil. *Identidades e Crises Sociais na Contemporaneidade*. Curitiba: Editora da UFPR, 2005. p. 23-110.